



IOANES
STRATENSIS
FLANDRVS
1570

Documentos que **valem ouro**

Foi levando ao pé da letra o lema da Royal Society, *Nullius in verba*, ou seja, “não acredite na palavra de ninguém”, um aviso de que, em ciência, é essencial “colocar a mão na massa”, que as pesquisadoras Ana Maria Alfonso-Goldfarb e Márcia Ferraz, ambas do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (Cesima), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fizeram uma descoberta surpreendente em 2008. Vasculhando montanhas de documentos da instituição inglesa, elas acharam a “receita” do *alkahest*, suposto “solvente universal” alquímico que poderia dissolver qualquer substância, reduzindo-a a seus componentes primários (*ver* Pesquisa FAPESP nº 154). Havia, porém, algumas lacunas para “fechar o caso”, em especial revelar quem fora o autor da cópia da receita encontrada. De volta aos arquivos, as pesquisadoras encerraram um mistério apenas para abrir outro, ainda mais instigante: a descoberta de uma receita da famigerada pedra filosofal que, segundo se acreditava, transmutaria metais “vis” em ouro.

“Foi uma grande surpresa e, até certo ponto, desconfortável, porque, como historiadoras da ciência, é difícil verificar, cada vez mais, como a alquimia foi importante na consolidação da nova ciência em pleno século XVIII. Mas é importante ressaltar que essa permanência da busca pela transmutação era pensada mais no sentido químico, em especial como um instrumento de avanço da medicina, do que em seu caráter esotérico. Isso é notável nas preocupações de homens como Boyle ou Newton, entre outros nomes de peso, que acreditavam na existência da pedra filosofal”, explica Ana Maria. As professoras consideram que os trabalhos com a pedra filosofal eram realizados no âmbito da ciência da época, embora existam outras visões. “O baconismo entrou na Royal Society distorcido pelo prisma de um grupo ligado a Samuel Hartlib, um dos fundadores da instituição. Esse círculo levava ao limite os preceitos de Bacon de estudar ‘o novo, o raro e o estranho’ na natureza, misturando-os com um interesse persistente em descobrir invenções ‘úteis’, sem deixar de lado as ideias herméticas, retomando obras de Paracelso e Helmont. Basta ver como Boyle mantinha

Pesquisadoras
brasileiras
encontram
uma receita da
pedra filosofal
na Royal Society

um interesse no mínimo embaraçoso em questões de filosofia natural e estava disposto a aceitar qualquer tipo de fenômeno, desde que pudesse ser explicado em linhas mecânicas. Isso incluía a pedra filosofal. Newton, em carta a Henry Oldenburg, secretário da Royal Society, chega a reclamar que o colega deveria ‘manter silêncio’ e não divulgar ‘segredos de um verdadeiro filósofo herético’”, observa o historiador Theodore Hoppen, professor da University of Hull e autor do estudo *The nature of the early Royal Society*.

Latim - Oldenburg, aliás, está no centro do novo mistério revelado pelas pesquisadoras brasileiras. Ao tentarem identificar a letra da receita do *alkahest*, após várias tentativas, se depararam com um documento escrito em latim que continha observações em francês em suas margens. “A letra nos pareceu conhecida e vimos que era de Oldenburg, que escrevia, em suas anotações pessoais, em francês. Aquilo estava solucionado: foi ele que transcreveu a receita do *alkahest*. Quando, porém, fomos ler o texto em latim escrito em outra letra, vimos que se tratava de uma receita da pedra filosofal”, contam as professoras. O título do texto, que conseguiram datar como sendo de 1659, era:

A preparação da pedra filosofal



ALCHEMIST / ETCHING, 1625 / ALBUM / ANGI-IMAGES / LATINSTOCK

Na Royal Society do século XVII, homens brilhantes criam na existência da pedra filosofal para ‘abrir o ouro’, diz Ana

“Processus de bois”. De início, as duas acreditavam que se tratava de experimentos com a queima de madeiras (*bois* é madeira em francês), mas ao verificar a presença de elementos da pedra filosofal viram que se tratava do nome de uma pessoa. Na França, buscaram quem, chamado Du Bois, teria algo a ver com a célebre transmutação e descobriram, após uma busca detetivesca, a história de Noel Picard, dito Du Bois, que em 1637 fora enforcado na Bastilha por ordem

do cardeal Richelieu. O motivo? Tentara enganar o poderoso ministro de Luís XIII dizendo-se capaz de produzir ouro a partir de chumbo. Após uma vida rocambolesca de viagens e conversões de padre capuchinho a luterano, Du Bois, de volta a Paris, caiu nas graças do padre Joseph, confessor de Richelieu. “O cardeal viu nisso a chance de aumentar a riqueza da França e resolver os problemas financeiros por que passava o reino. Chamou, então, Du Bois para que, com seu ‘pó de projeção’, fabricasse ouro na presença do rei, da rainha e de outros convidados notáveis, entre os quais o próprio Richelieu”, conta Márcia. Com uma cupela e um cadinho, Du Bois foi ao Louvre e se pôs a trabalhar, pedindo a guardas que lhe trouxessem balas de mosquete, as quais aqueceu, aspergindo um pó, cobrindo-as, em seguida, com cinzas. O rei, entusiasmado, fez questão de ele mesmo assoprar a mistura, deixando sua real figura, a da rainha e dos presentes cobertos de fuligem. Mas a comoção compensava tudo, pois via-se no fundo da panela ouro. Luís XIII abraçou o pobre Du Bois, fez dele nobre *in loco* e ainda lhe concedeu o privilégio de caçar nas terras reais. Puxando o padre Joseph num canto, Richelieu, feliz, acenou-lhe com um futuro chapéu cardinalício. Não afetou o ânimo geral que ourives da corte verificassem que se tratava de ouro 22 quilates. Du Bois respondeu-lhes que era apenas uma amostra das possibilidades.

Richelieu avisou-o de que o rei necessitava “apenas” de 800 mil francos semanais em ouro e deu-lhe 20 dias para iniciar a produção que, avisou ao monarca, ia permitir que não se cobrasse mais imposto do povo e que o rei iria ser o mais poderoso cetro da Europa. Du Bois, porém, usou o prazo para caçar com seus amigos. Desconfiado, o cardeal mandou vigiá-lo e, por fim, irritado com a demora, construiu um laboratório para que o suposto alquimista realizasse, dessa vez como prisioneiro, a “grande obra” no castelo de Vincennes. Novo insucesso e o “nobre” foi conduzido à Bastilha, onde foi torturado e morto por não ter fornecido a receita da pedra filosofal. O notável é que, ainda assim, seus algozes acreditavam que ele realmente era capaz de produzir ouro, mas tentava esconder o segredo. Vinte anos mais tarde, em 1659, Oldenburg encontrava-se

na França onde acabou se deparando com a receita de Du Bois e a envia para a Inglaterra, onde parece que foi recebida de forma exultante. “Na Royal Society, em pleno século XVII, aqueles homens brilhantes acreditavam que Du Bois havia realmente conseguido ‘abrir o ouro’, ou seja, dissolvê-lo para preparar outros materiais, função atribuída à pedra filosofal”, conta Ana.

Pedras - “No centro de tudo estava a preocupação em resolver problemas de saúde, em especial a dissolução de pedras do organismo, uma das causas principais de óbitos naqueles tempos. Acreditava-se que a solução ideal era dissolvê-las com ácidos minerais, mas sem que isso matasse o paciente. Era preciso encontrar algo com o poder do ácido sem os seus problemas. Aí é que entram o *alkahest* e a pedra filosofal que, combinados, seriam o remédio ideal”, explica Ana. O primeiro suavizaria os efeitos negativos do ácido e a pedra era o complemento perfeito, pois era potente para dissolver um metal nobre e resistente como ouro, ao mesmo tempo “fraco” contra o organismo. “Isso, é claro, não impedia que se pensasse na pedra como capaz de produzir ouro por razões financeiras, embora as razões pecuniárias não fossem as únicas, nem mesmo as mais importantes”, diz Márcia. Tudo se interligava. Se a pedra tinha o poder de “aperfeiçoar” metais, convertendo-os em ouro, como consequência da crença dos alquimistas na unidade da matéria, essa “medicina” dos metais poderia ser estendida à medicina dos homens, que poderia, igualmente, ser “aperfeiçoada”. Daí muitos se referirem à pedra como o elixir da vida ou o grande elixir, uma panaceia para todas as doenças e capaz de prolongar a vida. Como o ouro, como metal, não era corroído, ele passou a ser visto como símbolo da imortalidade, o que levou, como decorrência, a se pensar no seu uso na medicina dos antigos e na alquimia chinesa que buscava o elixir da longevidade.

“Os trabalhos de Paracelso e Van Helmont, entre outros, desenvolveram-se num tempo em que se questionava a medicina galênica. Também havia novas doenças que exigiam outras soluções mais efetivas. A procura delas pelo *alkahest*, por exemplo, revela



Visão irônica da tentativa de fazer a “grande obra”

essa preocupação medicinal”, observa o historiador da química Paulo Alves Porto, professor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo. “O significado da química, entre os séculos XVI e XVIII, deve ser buscado na sua relação com a medicina, ainda que a transmutação se mantivesse como uma constante até o Iluminismo, mesmo quando já se operava a separação entre química e medicina”, escreve o historiador americano Allen Debus em seu artigo “Alchemy and iatrochemistry”. Segundo ele, de início a relação se dá na rivalidade com os galenistas para avançar no interesse das explicações químicas de processos fisiológicos, base da obra de Van Helmont, o que acabou por levar à separação entre química e medicina para outros fins que não os farmacêuticos. “O trabalho de Lavoisier não precisou se dirigir a uma química baseada na medicina por causa desse longo processo. A importância que a medicina teve na ascen-

são da ciência moderna era algo pouco discutido”, completa Debus. Apenas em fins do século XVIII é que a transmutação perderá algo de sua força. “Houve um movimento que partiu da Academie Royale de Sciences, em Paris, para deixar a prática de lado a fim de domesticar a química numa disciplina profissional respeitável que adentrou a academia. Era preciso romper de vez com o passado alquímico e começar tudo do zero para dar à química uma nova identidade e *status*. Ainda assim, isso não foi totalmente bem-sucedido”, analisa o historiador Lawrence Principe, da Johns Hopkins University, autor de *Alchemy tried in the fire*. “A rede de documentos e pessoas intimamente ligadas à transmutação que a nossa pesquisa vem expondo ganha a cada dia mais dados e ramificações. Isso pode ser a ponta de um grande *iceberg* documental”, acredita Ana Goldfarb. ■

CARLOS HAAG